

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A vivência em uma turma de 3º ano

Ivaneide Silva Dias

1

RESUMO

O presente trabalho aborda a experiência do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental, o qual foi realizado numa turma de terceiro ano de uma escola municipal da rede pública na cidade de Jaguarari-Bahia. O objetivo é refletir sobre a relevância do estágio supervisionado, assim como relatar as experiências, dificuldades e aprendizados adquiridos no decorrer desse. O estágio supervisionado nos anos iniciais é uma exigência do curso de pedagogia e uma experiência necessária na qual por meio da observação, participação e regência o futuro professor desenvolve as habilidades necessárias à prática docente. A metodologia apresenta uma abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa participante que segundo Peruzzo (2019, p.163) “consiste numa investigação efetivada a partir da inserção e na interação do pesquisador ou da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado”. Como aporte teórico trago conceitos a luz de Pimenta e Lima (2006), Santos (2019), Dantas (2019), Barbosa (2020) entre outros. As etapas que constituem o estágio norteiam o discente quanto às ações que o mesmo desenvolverá, pois permitem conhecer a realidade da turma o que facilitará a elaboração do planejamento e a adoção de elementos que contribuirão com o bom andamento da sua atuação enquanto estagiário, os resultados adquiridos nesse estágio dão ênfase a ludicidade e afetividade como elementos essenciais ao desenvolvimento da aprendizagem aos quais foram muito significativos para turma estagiada.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Aprendizagem; Ludicidade; Afetividade.

1. Introdução

Esse trabalho vai discutir a experiência de estágio nos anos iniciais. O estágio nos anos iniciais é uma exigência do curso de pedagogia e consiste em articular teoria e prática num processo de ensinar e aprender oferece ao aluno a oportunidade de um contato mais direto e organizado com o campo profissional onde o mesmo utiliza-se dos conhecimentos construídos no curso para efetivar os pressupostos teórico-prático.

O estágio ocorreu em uma escola da rede pública na cidade de Jaguarari, uma comunidade urbana pertencente ao território de identidade Piemonte Norte do

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia pela universidade do Estado da Bahia-UNEB CampusVII. E-mail: Ivaneidesilvadias9@gmail.com

Itapicuru, em uma turma de 3º ano.

A sala era composta por 18 alunos uma sala heterogênea com níveis de aprendizagem diversificados, aonde ia do aluno que ler e escreve bem a aqueles que ainda têm dificuldades até pra reconhecer as letras do alfabeto e ambos são donos de comportamentos e realidades distintas.

O estágio trouxe elementos que objetivavam vivenciar a realidade de uma turma de 3º ano, identificando e analisando as deficiências na aprendizagem dos alunos, mediar os conteúdos propostos pela escola utilizando uma metodologia de ensino significativa, confrontar teoria e prática, adquirir conhecimentos necessários a minha formação, em fim aprender numa troca de conhecimentos entre professor/aluno.

Esse estágio foi a minha segunda experiência escolar como professora sendo a primeira experiência, concebida no estágio na educação infantil, experiências bem distintas na qual o estágio das séries iniciais eu consegui me identificar mais como docente. Foi uma experiência muito significativa, a regente da turma me deu muita autonomia pra desenvolver meu trabalho e isso foi muito importante para o meu aprendizado, uma vez que me permitiu lidar com diversas situações que são presentes no dia a dia do professor.

E essa experiência foi sendo construída ao longo da regência, onde aos poucos fui conhecendo as crianças, aprendendo a lidar com as particularidades de cada uma, observando e identificando as necessidades de aprendizagem a qual foi possível identificar a condição mista das habilidades de aprendizagem e no desenvolvimento da turma.

Como isso o objetivo desse trabalho é refletir sobre a relevância do estágio supervisionado, assim como relatar as experiências, dificuldades e aprendizados adquiridos no decorrer desse.

2. Metodologia

Pensar o estágio supervisionado é pensar a relação professor e pesquisa, portanto esse trabalho faz menção a uma abordagem qualitativa com a pesquisa participante onde o professor vivencia o objeto do estudo, faz uma participação real ao mesmo tempo em que coleta dados.



O modelo de pesquisa participante coloca o pesquisador em um desafio: pesquisar e participar. Participando, o pesquisador assume outro lugar, torna-se parte de construção das representações sociais e tem a possibilidade de observar esse processo em sua formação. (AZAMOR, 2021, p.140)

O estágio III foi desenvolvido a partir de algumas etapas onde primeiramente tivemos encontros para a discussão de textos teóricos que objetivavam instruir e subsidiar a experiência do estágio foi realizado também construção do diagnóstico da comunidade com o objetivo de um conhecimento prévio da realidade da comunidade, escola e turma me permitindo uma primeira informação pra que eu pudesse montar uma proposta de intervenção em concordância com a realidade do meu campo de estágio.

O período da observação que permitiu conhecer mais sobre a turma, escola e o trabalho desenvolvido pela regente, etapa muito importante, pois nos leva a uma melhor compreensão do andamento da turma, condições de aprendizado, como se portam e como concebem a educação, também foi muito importante conhecer o espaço físico da escola a qual a turma esta inserida e as condições da mesma e assim seguiu-se para período de regência com uma carga horária de 80 horas, no qual me propus desenvolver um trabalho voltado pra ludicidade com a utilização de métodos diversificados na apresentação dos conteúdos onde todos os níveis de compreensão dos alunos fossem contemplados.

3. Resultados e Discussão

Vivenciar o estágio é uma experiência enriquecedora e muito importante para o processo formativo, na qual o discente terá uma aproximação do campo profissional no qual futuramente estará atuando. É uma experiência de aprendizado muito significativa no qual o estudante vai confrontar teoria e prática e iniciar a construção da sua identidade docente.

Minha experiência como docente no estagio supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental foi muito importante, apesar de algumas dificuldades encontradas no decorrer desse, foi uma experiência que rendeu muito aprendizado. Esse relato está ancorado no diagnóstico da realidade da comunidade e nos diários de

bordos elaborados a partir das experiências vivenciadas no estágio e assim esta se desenvolvendo nesse trabalho conceitos- chave que descreverão e trarão reflexão sobre a prática da vivência do estágio nos anos iniciais do ensino Fundamental.

Estágio supervisionado: um encontro com o cenário profissional

O estágio se caracteriza como uma rica oportunidade de aprendizagem através da relação teoria e prática, que ocorrem nas vivências que são construídas dentro do cotidiano escolar no qual o estagiário está inserido. O convívio com as crianças e todo o contexto escolar é de suma importância no processo de formação profissional. Pois ele possibilita a construção e o desenvolvimento das competências necessárias para aprender os desafios da profissão.

Para muitos alunos o estágio é o primeiro contato com o campo social e por isso, muitas vezes o aluno fica angustiado, pois é confrontado com muitas incertezas e inseguranças. Foi assim no estágio supervisionado na Educação Infantil, já no estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental o qual foi desenvolvido em uma turma de 3º ano eu já não me senti tão apreensiva, apesar de ser uma experiência totalmente diferente.

Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica do conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA E LIMA 2006, P.14).

É extremamente necessário ao futuro professor vivenciar esse contato através do estágio com a realidade escolar, para através dessa experiência se subsidiar de ferramentas para futuramente vir a realizar um trabalho considerando a realidade, sempre partindo da compreensão que o aluno é um ser humano em formação e precisa ser tratado com respeito e reconhecimento dos seus saberes prévios.

Reflexões sobre o processo de aprendizagem

A aprendizagem é conceituada como a aquisição e construção de conhecimento novo, o qual promove mudanças permanentes, aquisição de habilidades e novos comportamentos construídos nas interações e no meio a qual o sujeito está inserido, a aprendizagem precisa ser significativa para que seja capaz de promover transformações firmes e duradouras.

Desde o primeiro contato com a escola, onde buscava primeiramente ser aceita para a realização do estágio, fui advertida sobre o nível de aprendizagem das crianças, onde se atribui a deficiência na aprendizagem a pandemia, onde muitas crianças pularam etapas importantes do seu processo educacional e muitas não tiveram a oportunidade de acompanhar as aulas remotas devido a inúmeros fatores, desde a falta de equipamentos tecnológicos necessários a esse tipo de ensino, assim como acesso a internet e até ao não acompanhamento familiar e isso implicou diretamente na aprendizagem e desenvolvimento das mesmas.

Geralmente a aprendizagem é avaliada a partir do desenvolvimento dos alunos com relação ao que se espera como sua desenvoltura na leitura e escrita, é válido, mas é preciso atentarmos as aprendizagens advindas de outras experiências e condições em que ela acontece, além de compreender a singularidade existente no processo de aprendizagem de cada pessoa.

Ao longo do estágio foi possível ir observando o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno confirmando e distinguindo-as, onde alguns ainda não estão alfabetizados mesmo já estando no 3º ano do fundamental, ainda não conseguem ler e escrevem com muita dificuldade, a escrita é no sentido de transcrever e as leituras são realizadas de forma mecânica, os textos são decorados e socializados a partir da prática tradicional de tomar a lição. Era perceptível que essa prática não contempla a leitura, pois decorar um texto do livro didático não dá condições ao aluno para se tornar um sujeito leitor, não desperta o interesse da criança pela leitura assim como não desperta a curiosidade e imaginação.

O que podemos logo considerar é que memorizar não significa, necessariamente, aprender. Para aprender, o sujeito precisa estabelecer relações entre o novo (objeto da atual, aprendizagem) e aquilo que já conhece. É preciso que o novo faça sentido para o sujeito, articule-se com suas necessidades, interesses, projetos, vivências etc. (SANTOS, 2019, p.57).

Como estratégia para levar e apresentar a leitura de uma forma mais lúdica e significativa procurei utilizar a literatura como instrumento, através das histórias socializadas pude trabalhar a leitura e a interpretação me atentando a conduzir o momento levando em conta a cultura em que cada criança está inserida.

A partir das histórias as crianças interagiam bastante, e traziam diversas interpretações sempre atreladas as suas vivências. Segundo Dantas (2019, p.2)



A contação de história ajuda na formação psicológica cognitiva da criança, por proporcionar uma viagem pelo mundo do faz de conta, além de encantar, contribui de maneira eficaz, tanto na construção do imaginário da criança quanto no processo de formação da fala, da leitura e da escrita.

É comum o uso das histórias apenas como entretenimento na educação infantil, observando o não uso da literatura quando as crianças adentram no Ensino Fundamental caracterizando o potencial que tem no desenvolvimento emocional e cognitivo, assim como uma rica estratégia no desenvolvimento e na formação leitora.

Dado que as dificuldades da turma eram relacionadas à leitura e a escrita o uso da literatura foi muito significativo, e houve um interesse deles pela leitura onde, passaram a trazer livros e pedir para que eu realizasse a leitura para eles, houve uma maior visitação a estante de livros que tinha na escola que antes parecia invisível, pois os alunos passavam por ela, mas não tinham curiosidade de manusear os livros ali expostos.

Além disso, promovi uma "Mini Tertúlia" utilizando o estudo do livro O Pequeno Príncipe Preto, pra essa atividade providenciei cópias do livro para todos os alunos, para que eles pudessem levar pra casa, realizar a leitura e posteriormente nos reuníamos para dialogarmos sobre o livro, aos que ainda não conseguem ler sugeri que pedissem para alguém próximo ler pra eles e assim cada aluno ia trazendo aquilo que mais chamou atenção durante a leitura. Essa atividade favoreceu a compreensão leitora dos alunos assim como a interpretação, pois conseguiam fazer link com a história e a realidade, além do objetivo maior que era estimular a leitura.

Outro momento importante de trabalho com a leitura através da literatura se deu com a história Menina Bonita do Laço de Fita, onde eles realizaram a leitura e apresentaram à história utilizando o teatro de caixas para outra turma. Também se realizou a leitura do livro Com Qual Penteadinho Eu Vou, esse utilizado para abertura do projeto de teatro elaborado pela escola, a escolha da literatura preta foi intencional a partir da observação de alguns comportamentos com um viés preconceituosos, a literatura é uma forma suave de apresentar novas ideias e conceitos sem impor de forma rigorosa, como se o professor fosse o detentor do saber.

As diferenças no nível de aprendizagem dificultou um pouco o trabalho de regência porque não poderia realizar um trabalho pensando apenas no aluno que está no nível de aprendizagem desejado para a série, nem tampouco naquele que ainda

não está com um bom desenvolvimento.

Essa condição de habilidades mista na sala de aula não frustra somente o professor, mais os próprios alunos podem se sentirem frustrados, e isso foi perceptível durante a minha regência onde aquele aluno mais avançado se sentia estacionado relatando que já tinha visto tal conteúdo ou terminava primeiro porque achava fácil e assim ia se sentindo retido, enquanto os que se encontravam em um nível mais moderado se sentiam um pouco pressionados, pois tinham dificuldades para compreender os conteúdos e assim realizar as atividades. Uma estratégia para isso foi organizar trabalhos em grupo, garantindo um maior envolvimento da turma, onde trocavam ideias, elaboravam estratégias para a resolução das atividades, iam se ajudando num processo de cooperação e companheirismo. Com isso Russo e Viam, (1995, p.237) fala que:

O trabalho em grupo envolve, a partir da superação do egocentrismo, a interação dos alunos em torno de um objetivo comum e é uma das estratégias mais uteis a aprendizagem porque, quando as crianças ficam juntas, elas trocam ideias, ensinando e aprendendo, naturalmente, sem inibições ou preconceitos e aprendem umas com as outras de um modo mais interessante e agradável.

Foi preciso compreender e sensibilizar-se que cada aluno é diferente quanto ao interesse e habilidades e que a homogeneidade em uma sala de aula é algo que jamais existirá, pois cada individuo ali presente tem suas particularidades que implicam diretamente no seu desenvolvimento e aprendizagem.

Reconhecendo as diferenças dos alunos, desprezando as discriminações quanto às habilidades de cada um, motivei-me a conduzir meu trabalho buscando praticas que proporcionasse uma aprendizagem significativa aos alunos que pudesse ajuda-los na construção do conhecimento.

Foi necessário utilizar estratégias para que no pouco tempo de regência eu pudesse contribuir com a aprendizagem daqueles alunos, despertar o interesse deles foio maior desafio, pois apresentam um desinteresse muito grande com relação ao próprio aprendizado e até então não eram muito motivados, tinha aluno que o discurso era de frequentar a escola apenas para aprender a ler e escrever outros que só iam por que eramobrigados pelos pais.

Mesmo com esses discursos percebi o potencial que eles tinham, e o desejo de aprender, o que precisam é de incentivo, de algo que os desafiem que provoque

cada vez mais esse desejo de aprender, mas infelizmente o ambiente no qual eles estudam contribui para que eles se sintam cada vez mais desinteressados, a unidade física que abriga a turma é uma sala alugada em uma escola particular, com isso os alunos ficam confinados o tempo todo em uma sala minúscula e não tem permissão pra circular dentro da escola, inclusive não tem intervalo e nenhum momento de recreação, é uma situação excludente totalmente contrária daquilo que se espera de um ambiente que promova educação, sabemos que a educação é um direito de todos, e por isso devemos estar atentos também às condições em que essa educação tida como direito é ofertada, pois muitas vezes esse direito a educação é violado, sendo essa ofertada no sentido de beneficiar a todos menos os maiores interessados que são os alunos.

Essa condição do ambiente escolar no qual realizei o estágio impacta diretamente na aprendizagem dos alunos, não restando muitas alternativas além de promover um ensino totalmente tradicional, limitado ao livro didático e ao quadro, onde a rotina dos alunos era basicamente copiar do quadro e fazer as atividades do livro didático. Nessa condição Pimenta e Lima trazem a seguinte contribuição.

Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de sua família, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola. (PIMENTA E LIMA 2006, p.8).

Essa prática tradicionalista limitada às cópias e ao livro didático faz parte do cotidiano e eles já estão tão acostumados a isso que demonstram resistência frente a atividades que fujam a isso, percebi isso ao levar atividades mais voltadas ao lúdico onde eles eram convidados a sair da passividade de ficar preso a sua carteira, com liberdade pra circular na sala, houve resistência mas ao fim, todos passaram a participar e a se sentirem curiosos frente as atividades lúdicas que levava, era visível o avanço deles mediante a essa nova forma de construir conhecimento, o lúdico abriu um leque de oportunidades e promoveu muito aprendizado a turma.

O lúdico no processo de aprendizagem

A partir das etapas do plano de estágio no qual uma delas era a observação foi possível observar que os alunos quase nunca realizavam atividades que ultrapassassem os limites do quadro e do livro didático. Mesmo com as limitações

daquele espaço escolar e de alguns discursos que o aluno aprende somente sentado copiando do quadro, Procurei abordar os conteúdos propostos através de atividades lúdicas, instigando-os a participar, colocando-os como protagonistas do próprio aprendizado, Silva e Oliveira (2018, p.34) enfatizam que:

O lúdico dentro do processo educativo pode constituir-se numa atividade rica, na medida em que os professores e alunos interagem construindo conhecimentos e socializando-se. Atuar na escola de forma a promover a interdisciplinaridade, incentivando a aprendizagem de determinado conteúdo.

Era perceptível que os alunos tinham uma rotina de atividades voltada para copiar quadro e tarefa impressa, e nessas muitos ficam esperando que a professora lhe desse a resposta sem um esforço próprio em descobrir essas respostas, trouxe o lúdico como complemento a aprendizagem deles e percebi que isso contribuiu muito, pois diante das atividades propostas, eles passaram a ter um maior empenho, participação e engajamento.

Os conteúdos foram trabalhados utilizando elementos lúdicos como jogos, experiências, exploração de imagens, confecção de cartazes, cotação de histórias etc. Trabalhar com o lúdico nas séries iniciais do ensino fundamental estimula os conhecimentos prévios dos alunos, facilita a construção de novos conhecimentos. E algo muito importante que foi possível observar a partir da atividade lúdicas desenvolvidas com a turma foi à criação de laços de afeto, amizade e companheirismo entre os alunos, assim como a solidariedade e a tolerância observada nos trabalhos em grupo. Com isso Ferro e Viel (2019, p.113) dizem que: “Aparentemente a atividade indicada por meio do lúdico torna as aulas mais dinâmicas e inovadoras ao passo que as crianças ficam entusiasmadas quando recebem a proposta a fim de investigar e descobrir novas formas de aprendizagem.”

Foi visível que o dinamismo criado na sala de aula proporcionou um novo comportamento dos alunos na aquisição do conhecimento, tinha aluno que não saia da sua cadeira e momento algum e mal se ouvia a voz, assim como tinha alunos que no início das atividades de estágio mostrava muita resistência em participar das atividades, não queria fazer nada, diziam não gostar da escola e demonstravam muita resistência em se relacionar com os demais. E no decorrer do estágio fui observando esses avanços através das participações nas atividades em grupo, das socializações dos trabalhos realizados.

A importância da afetividade no processo de aprendizagem

A afetividade é um fator muito importante que contribui significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Nesse estágio observei que os aspectos afetivos não eram muito presentes nas relações entre professor / aluno e isso impactava no relacionamento de ambos dentro da sala de aula.

Embora a escola seja um ambiente social diferente da família, ela tem um importante papel formador e conduz as interações que teremos ao longo da vida. E por sua vez um ambiente muito significativo no qual dedicamos muitos anos da nossa vida.

No processo de aprendizagem a ludicidade e afetividade são pontos chave que contribuem para uma melhor efetivação dessa. Ao falarmos de afetividade não necessariamente estamos falando de beijos e abraços, mas de uma relação que primeiramente valoriza o aluno e seus saberes prévios, valorizando as conquistas, dando condições para que o aluno adquira confiança em si próprio.

A relação de afetividade construída no desenvolver do estágio contribuiu muito para que esse ocorresse de uma maneira satisfatória, reconhecer o aluno como sujeito ativo, como protagonista de seu processo de aprendizagem eleva a sua autoestima, melhora as relações entre professor/ aluno e aluno/aluno. De acordo com Barbosa (2020, p.3).

A afetividade só é estimulada por meio da vivência, na qual o professor-educador estabelece vínculo de afeto com o educando. A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de chegar perto do educando; a ludicidade, em parceria, é um caminho estimulador e enriquecedor para atingir uma totalidade no processo de aprender, quando há aprendizado de fato.

Uma educação afetiva enxerga a criança como um ser capaz, que tem ideias e opiniões e que essas merecem ser ouvidas e consideradas, não basta ouvir a criança é preciso considerar o que ela diz, o que a criança fala tem muita relevância. E é nesse processo de escuta que a criança vai ganhando autonomia e constituindo-se de empatia, equilíbrio emocional, respeito ao outro, valores que são essenciais as suas vivências em sociedade.

A minha relação com os alunos foi se construindo a cada dia num processo de

respeito e empatia, levando a conhecer cada um e identificar suas características e particularidades, uma vez me aproximando mais dos alunos, ganhando confiança, foi mais fácil desenvolver as atividades contando com a participação de todos.

“A afetividade é um componente importante para a construção do autoconceito e da autoestima do aluno, pois quando o professor valoriza seu desempenho na sala, seu rendimento escolar também melhora.” (BARBOSA, 2020, p.2).

Trabalhar com a valorização de fato é algo que melhora o desempenho do aluno, pude comprovar isso no estágio onde procurei da liberdade para que os mesmos fizessem escolhas, opinassem, sempre respeitei seus desejos e vontades, dei autonomia e promovi a liberdade de forma orientada e direcionada e o resultado foi satisfatório, havendo um maior engajamento e comprometimento com as atividades propostas e uma melhora significativa nas relações dentro da sala de aula.

4. Considerações Finais

Com isso avalio o meu período de estágio como uma experiência rica e fundamental a minha formação, no qual me esforcei bastante para realiza-lo da melhor forma possível, mas é valido relatar também que houve algumas situações que dificultaram um pouco a realização desse estágio, como a situação do ambiente físico que limitava algumas das atividades planejadas e os diferentes níveis de aprendizagem encontrados na turma que requeriam estratégias onde todos os alunos fossem contemplados, onde para isso procurei proporcionar experiências lúdicas, encorajar o trabalho em equipe, desenvolver atividades que viesse a contribuir com o desenvolvimento e instigar a aprendizagem dos alunos.

Dentro desse estágio foi possível confrontar a teoria e pratica considerando a realidade dos alunos, também através dessa experiência foi possível perceber o quanto é difícil introduzir o novo mediante a predominância das práticas tradicionais, tanto com a escola quanto aos alunos, pois ao trazer o lúdico como uma nova forma de construir conhecimento, a critica e a não aceitação inicial eram visíveis, pois para a escola e no que se observou do educador a repetição, o decorar e o livro didático são os condutores da aprendizagem.

Procurei levar a minha prática docente elementos como a afetividade e a ludicidade porque são elementos essenciais para a aprendizagem, que permitem a

valorização dos saberes prévios dos alunos ao mesmo tempo em que os permite apropriar-se de conhecimentos novos, a prática desses importantes instrumentos de aprendizagem permitem que a sala de aula se transforme em um ambiente onde os valores culturais e sociais sejam contemplados e assegurados.

Assim em meio aos obstáculos impostos afirmo que foi possível alcançar os objetivos propostos e aprender muito nessa experiência necessária à formação profissional.

Referências

AZAMOR, C. R. Pesquisa participante, representações sociais e psicossociologia: diálogos possíveis na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, n. 2, p. 137-142, 13 nov. 2021.

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>

DANTAS. Eva Lorena Azevedo. **A contação de histórias na Educação Infantil e a formação de leitores**. Revista Chapará, V.1, N, e 12, 2019.

Dos Santos, Gilberto Lima. **Docência e Cultura escolar: Sabotando a sabotagem/** Gilberto lima dos santos.- Timburi, SP: Editora Cia do E-book, 2019.

FERRO, Bruno Rógerio; VIEL, Fraciele
Vanessa.

http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol18_n1_2019/9_A_IMPORTANCIA

[_DO LUDIC.O NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.pdf.](#)

Acesso em 29 de novembro de 2022

Krohling Peruzzo, Cicilia M. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação 1 Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. XXIII, 3, 2017 Universidad de Colima, México Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406009> acesso em 05



de dez 2022.

Oliveira, Juliana Aparecida Santim de; Silva Nivaldo Correia da. O Lúdico como Ferramenta de Aprendizagemna Educação Infantil.

https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20181113151737.pdf. Acesso em 28 de Nov. de 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docências: diferentes concepções**. Poíesis: São Paulo/Ceará, 2005/2006, vol. 3, nº 3 e 4, pp. 5-24

RUSSO, Maria de Fatima; VIAN, Maria Inês Aguiar. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo: editora Saraiva, 1995